



IMPULSÃO AO IMPOSSÍVEL: O ABERTO NO HUMANO. INFLUÊNCIAS DA FILOSOFIA DE HENRI BERGSON NA 'PATAFÍSICA DE ALFRED JARRY

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2024.202.07>

Márcio Marques de Carvalho

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal De São Paulo – UNIFESP. Integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Diferença - UNIFESP. Bolsa CAPES

mmcarvalho@unifesp.br

<https://orcid.org/0009-0008-9306-8309>

RESUMO:

Este artigo examina possíveis aproximações entre a filosofia de Henri Bergson e a 'Patafísica de Alfred Jarry. O objetivo principal é analisar a criatividade da imaginação artística enquanto aspiração ao aberto no pensamento humano. A Patafísica, uma ciência de soluções imaginárias dedicada ao estudo das leis que regem as exceções, é abordada através de elementos da filosofia bergsoniana, como a intuição, a imagem mediadora, a função fabuladora, a crítica à representação, a influência do virtual, a indeterminação, o empirismo metafísico e o aspecto criativo do impulso vital. Ao propor com a Patafísica, em tom de sátira, uma crítica da epistemologia e da ontologia, a criatividade artística de Jarry logrou alcançar relevância filosófica.

PALAVRAS-CHAVE:

Bergson. Jarry. Patafísica. Criatividade. Impulso ao aberto.

IMPULSION TO THE IMPOSSIBLE: THE OPEN IN THE HUMAN. INFLUENCES OF HENRI BERGSON'S PHILOSOPHY ON ALFRED JARRY'S 'PATAPHYSICS

ABSTRACT:

This paper examines commonalities between Henri Bergson's philosophy and Alfred Jarry's 'Pataphysics. The main objective is to analyze the creativity of the artistic imagination as an aspiration to the open in human thought. 'Pataphysics, a science of imaginary solutions dedicated to the study of the laws governing exceptions, is analyzed

through elements of Bergsonian philosophy, such as intuition, the mediating image, the fabulation function, the critique of representation, the influence of the virtual, indeterminacy, metaphysical empiricism and the creative aspect of the *élan vital*. By proposing a satirical critique of epistemology and ontology with 'Pataphysics', Jarry's artistic creativity managed to achieve philosophical relevance.

KEYWORDS:

Bergson. Jarry. Pataphysics. Creativity. Impulse to the open.

1 Apresentação

Com o objetivo de abordar a criatividade artística enquanto aspiração ao aberto no pensamento humano, este texto pretende examinar possíveis aproximações entre a 'Patafísica do dramaturgo francês Alfred Jarry (1873-1907) e certos aspectos da filosofia de Henri Bergson (1859-1941); notadamente em relação à noção de salto ao aberto, à intuição, à função fabuladora, à imagem mediadora, à crítica ao conceito e ao impulso vital.

Entre 1891 e 1892 Jarry foi aluno de Bergson no Liceu Henri IV. Um dos biógrafos de Jarry, Alastair Brotchie (2015 p. 29), sugere que ele tenha se apropriado de modo livre e criativo das ideias de Bergson para delinear a sua 'Patafísica, uma ciência dedicada ao estudo das leis que regem as exceções, pautada por soluções imaginárias, em que a criatividade se exerce como fator determinante.

Não à toa Jarry atribuiu tanta proeminência à criatividade: a potência de sua criatividade artística foi extraordinária. Sua obra atravessou os campos da literatura, do teatro e do design gráfico, logrando inovações importantes em todos estes campos. Como escritor, produziu poesias, romances, peças de teatro, libretos de ópera, crônicas sociais, ensaios, resenhas literárias e críticas de arte. Em seus textos contrastava estilos distintos, misturava erudição e idiotice, lirismo e sátira, mitologia e cotidiano; encadeava disparidades como piadas grosseiras, sentimentos sutis, especulação metafísica, anarquismo, blasfêmia etc. (BROTCHIE, 2015 p.19-24; SHATTUCK, 1968, p. 225). Um de seus grandes trunfos era forçar o leitor a considerar assuntos com os quais estava plenamente familiarizado sob uma perspectiva inusitada, questionando qualquer senso comum (FELL, 2010 p. 151-159; BROTCHIE, 2015 p. 271). O impacto de sua obra foi tal que influenciou diretamente o teatro da crueldade, o teatro do absurdo, o teatro épico, o dadaísmo, o surrealismo, o cubismo, o situacionismo, o happening e a performance (BEVAN, 2020a; FELL, 2010; POLANSKIS, 2016; SHATTUCK, 1968). A diversidade destes desdobramentos ilustra como o experimentalismo insubmisso da criatividade de Jarry foi um fator influente no desencadeamento das vanguardas modernas na arte ocidental (SHATTUCK, 1968).

Esta ênfase na criatividade é o que relaciona prioritariamente a 'Patafísica de Jarry ao impulso vital de Bergson. As influências bergsonianas em Jarry parecem, no entanto, ter extrapolado o campo da arte e atingido até mesmo a sua vida pessoal, impelindo-a para além dos círculos de coesão social em favor do exercício pleno de uma criatividade divergente.

2 Alfred Jarry, inventor da 'Patafísica e de si mesmo

Tanto quanto a obra de Jarry, sua própria vida foi também de um experimentalismo notável. Ávido por extrapolar qualquer parâmetro convencional, Jarry aplicou sua criatividade ao seu cotidiano de modo intransigente e insubmisso. Seu modo de vida, sua maneira de falar, de se vestir, de morar, fizeram dele um personagem extravagante cujo olhar original foi capaz de vislumbrar uma perspectiva inédita (BROTCHIE, 2015; FELL, 2010).

Um metabolismo mental tão alto como o dele, podia alterar qualquer coisa meramente lançando um olhar renovado. Numa combinação de profunda erudição e farsa, ele destrói nossa visão convencional e deixa as coisas sistematicamente tão estranhas quanto suas roupas ou suas casas. [...] Tal transformação pressupõe um princípio absoluto: liberdade total (SHATTUCK, 1968, p. 216 tradução nossa).

Esta liberdade não se restringiu a desestabilizar preceitos estéticos, ultrapassou até mesmo a ética de seu tempo (FELL, 2010 p.101). Seus contemporâneos não dispunham sequer de parâmetros para compreender o que Jarry se propunha (SHATTUCK, 1968 p.211). Ele foi capaz de estabelecer em sua própria vida uma espécie zona de liberdade poética, borrando o limite entre arte e vida (FELL, 2010 p.143). Em seu cotidiano, costumava adotar os trejeitos e modo de falar de uma marionete para zombar das regras sociais da elite parisiense, adotando como alter ego seu mais polêmico personagem, Pai Ubú. Sua criatividade, irrestrita a qualquer parâmetro, tomou até mesmo sua própria identidade como matéria prima para experimentação, antecipando a mudança paradigmática que se enunciaria com os happenings e performances da segunda metade do século XX (FERNANDES, 2007 p.25).

Segundo Brotchie (2015, p.7), Jarry parece ter sido simplesmente incapaz de atender às convenções sociais, assim como de controlar sua conduta e sua imaginação. Neste sentido, talvez se pudesse aplicar a Jarry esta passagem de Bergson:

[...] de quando em quando, por distração, a natureza suscita almas mais desprendidas da vida. Não falo desse desprendimento desejado, raciocinado, sistemático, que é obra da reflexão da filosofia. Falo de um desprendimento natural, inato à estrutura dos sentidos e da consciência, e que se manifesta imediatamente em um modo algo virginal de ver, de ouvir e de pensar. (BERGSON, 2018 p.104).

Para Shattuck (1968, p.250), a obra, a vida e a lenda de Jarry são processos imbricados. Seu ímpeto por transgressão o atravessou em diversos níveis. O fez ultrapassar sua identidade ficcionalizando-a (HAAN, 2014, p.25; FELL, 2010, p. 7), questionar os consensos sociais mais básicos da cultura francesa em suas crônicas (FELL, 2010 p. 159), até chegar a questionar a supremacia epistemológica da razão com a ‘Patafísica (SHATUCK, 1968, p.211; SHANKEN, 2013; BÖK, 1997). Toda a complexa obra de Jarry é mais facilmente compreendida depois de se conhecer a ‘Patafísica, que foi devidamente formulada tardiamente, em 1898, e publicada apenas em 1911, quatro anos após sua morte.

Como uma ciência dedicada ao estudo das leis que regem as exceções, a ‘Patafísica se opõe à ciência do geral. Por este motivo, muitas vezes foi considerada uma espécie de autojustificativa para sua postura sempre adversa, uma tentativa de encontrar uma licença poética que desonerasse sua conduta excêntrica e lhe emprestasse alguma coerência que lhe concedesse um lugar na sociedade (SCHEERER, 1987 p. 81).

A Patafísica era perfeitamente capaz de assimilar contradições, ou ao menos relegá-las ao status de ambiguidades desimportantes. Como uma representação, ela reflete a natureza opositora de Jarry; era quase o produto inevitável de seu temperamento. Como uma filosofia intencional, ela pode ser vista inicialmente como sua tentativa de resolver estas contradições elevando-as a um princípio básico e então codificando-as como uma disciplina. O epifenômeno desta abordagem era a criação de uma razão convenientemente irrefutável para sua beligerância. (BROTCHIE, 2015 p. 34 tradução nossa).

Para Scheerer (1987 p. 81), no entanto, não seria pertinente reduzir a ‘Patafísica às necessidades sociais de Jarry. Trata-se explicitamente de uma intuição que excede qualquer referência pessoal, pois pretende ultrapassar a metafísica.

3 A ‘Patafísica como intuição filosófica

Analisando-se retroativamente, a ‘Patafísica parece ter se insinuado por trás de tudo o que Jarry produziu, como um credo pessoal, ou antes como uma intuição que se lhe impôs. Sem, apesar disso, que ele conseguisse a atribuir em vida configuração e visibilidade suficientes. O que a poderia caracterizar como uma intuição filosófica:

Nesse ponto, encontra-se algo simples, infinitamente simples, tão extraordinariamente simples que o filósofo nunca conseguiu dizê-lo. E é por isso que falou por toda a sua vida. Não podia formular o que tinha no espírito sem se sentir obrigado a corrigir sua formulação e, depois, a corrigir sua correção: assim, de teoria em teoria, retificando-se quando acreditava completar-se, o que ele fez, por meio de uma complicação que convocava a complicação e por meio de desenvolvimentos justapostos a desenvolvimentos, foi apenas restituir com uma aproximação crescente a simplicidade de sua intuição original. Toda a complexidade de sua doutrina, que pode ir ao infinito, não é portanto mais que a incomensurabilidade entre sua intuição simples e os meios que dispunha para exprimi-la. (BERGSON, 2006 p.125).

Tal foi o caso de Jarry com a 'Patafísica. Como descreve Arrivé (2000), ela despontou inicialmente em *Ubu intime* (1894), em que um personagem ao receber a visita de um desconhecido lê em um bilhete: "Senhor Ubu, antigo Rei da Polônia, doutor em 'Patafísica..." e comenta "Isso não entendi. O que é a 'Patafísica?" Ao que Ubu responde: "É uma ciência que inventamos e cuja necessidade se sentia". Apareceu posteriormente em uma menção menor ainda, em *Linteau*, de *Les minutes de sable mémorial* (1894), na nota de roda pé: "A simplicidade não necessita ser simples, se não um complexo comprimido e sintetizado (cf. Pataph.)". Em *César-Antechrist* (1895), sem usar o termo 'Patafísica, Jarry estabeleceu o axioma dos contrários idênticos, característico da 'Patafísica (SCHEERER 1979 p. 90-96; ARRIVÉ 1975 p. 87-91; BROTHIE 2015, p.30). E em *Les jours et les nuits d'un déserteur* (1897), a 'Patafísica apareceu como título de um capítulo. Até que, enfim, foi devidamente enunciada no livro fictício *Elementos da 'Patafísica*, incluído em *Artimanhas e opiniões de Dr. Faustroll, Patafisico* (1898).

Faustroll define a 'Patafísica da seguinte maneira: "A 'Patafísica é a ciência de soluções imaginárias, que atribui simbolicamente à propriedades dos objetos, descritos por sua virtualidade, os seus contornos" (JARRY, 2015 p.28)¹. Tal definição é precedida por um preâmbulo ainda mais instigante que a própria definição:

Um epifenômeno é aquilo que é superinduzido em consequência de um fenômeno. Patafísica, cuja grafia etimológica deveria ser *ἐπι* (μετὰ τὰ φυσικά) e cuja ortografia atual é patafísica, precedida de uma apóstrofe para evitar trocadilhos, é a ciência daquilo que é superinduzido sobre a Metafísica, seja dentro ou além das últimas limitações, estendendo-se não além a Metafísica se estende como a última extensão além da Física. Ex: um epifenômeno sendo geralmente acidental, a Patafísica será acima de tudo, a ciência do particular, a despeito da opinião comum de que a única ciência é aquela do geral. A Patafísica irá examinar as leis que governam as exceções, e irá explicar o universo suplementar a este, ou, de forma menos ambiciosa, irá descrever um universo que não pode ser – e talvez deveria ser – encarado no lugar do universo tradicional, considerando que as leis que supostamente foram descobertas no universo tradicional também são correlações de exceções, embora mais frequentes, mas em todo caso dados acidentais, os quais reduzidos ao status de exceção corriqueira, não possuem nem mesmo a virtude de originalidade (JARRY, 2015 p.28).²

¹ Dado que Jarry prioriza o uso poético da língua, aproveitando insinuações e ambiguidades para enriquecer seu texto, se faz oportuno aqui oferecer também o trecho original: "DÉFINITION. — La pataphysique est la science des solutions imaginaires, qui accorde symboliquement aux linéaments les propriétés des objets décrits par leur virtualité." (JARRY. 1911, p.15).

² "Un épiphénomène est ce qui se surajoute à un phénomène. La pataphysique, dont l'étymologie doit s'écrire *ἐπι* (μετὰ τὰ φυσικά) et l'orthographe réelle 'pataphysique, précédé d'un apostrophe, afin d'éviter un facile calembour, est la science de ce qui se surajoute à la métaphysique, soit en elle-même, soit hors d'elle-même, s'étendant aussi loin au delà de celle-ci que celle-ci au delà de la physique. Ex. l'épiphénomène étant souvent l'accident, la pataphysique sera surtout la science du particulier, quoiqu'on dise qu'il n'y a de science que du général. Elle étudiera les lois qui régissent les exceptions, et expliquera l'univers supplémentaire à celui-ci ; ou moins ambitieusement décrira un univers que l'on peut voir et que peut-être l'on doit voir à la place du traditionnel, les lois que l'on a cru découvrir de l'univers traditionnel étant des corrélations d'exceptions aussi, quoique

Para chegar a tratar de modo direto uma ideia tão fértil e extravagante foi preciso anteriormente que Jarry a abordasse por meio de insinuações, esforçando-se por anos para aclarar o que vislumbrava apenas de modo indireto e fugidio, até que encontrasse um estilo suficientemente polissêmico e sintético para enunciá-la.

Para uma empreitada como tal, a intuição se revela um método promissor; na medida em que faz reconhecer um pressentimento da parte do real que se mantém incompreensível à inteligência. A intuição indica um conhecimento direto e evidente, que no entanto se mantém irreduzível à elaboração racional e ao exame analítico por ser incoerente com os hábitos representacionais. A legitimidade de uma intuição se impõe por sua pertinência, por apresentar certo aspecto do real que a consciência é capaz de assegurar ainda que a inteligência intelectual não seja capaz de elaborar argumentativamente (BERGSON. 2006, p.187).

Neste sentido, as intuições filosóficas que estabelecem os traços diagramáticos da ‘Patafísica encontram na arte um campo bastante propício. Se formulam através da potência estética, pelo que derivam na imaginação segundo uma lógica não racional, e não por argumentos analíticos. Neste ponto também Jarry se aproxima de Bergson:

Há, portanto, uma lógica da imaginação que não é a lógica da razão, que chega até mesmo a se opor a ela e que a filosofia deverá levar em conta, não apenas no estudo do cômico, mas em outras investigações de mesmo tipo. Trata-se de algo como uma lógica do sonho, de um sonho que não esteja inteiramente sob os caprichos da fantasia individual, mas que seja sonhado por toda a sociedade (BERGSON, 2018, p.54).

Embora insuficientemente compreensível e literalmente incoerente, a ‘Patafísica se legitima por seu efeito vitalizante, inspirador. Não busca explicar, mas excitar a intuição. Neste aspecto suas diretrizes gerais parecem ter sido prenunciadas Bergson:

É relativo o conhecimento simbólico por conceitos preexistentes que vai do fixo para o movente, mas não o conhecimento intuitivo que se instala no movente e adota a vida mesma das coisas. Essa intuição atinge o absoluto. A ciência e a metafísica confluem portanto na intuição. Uma filosofia verdadeiramente intuitiva realizaria a união tão desejada da metafísica com a ciência (BERGSON. 2006, p.224).

Pode-se afirmar sem receios que Jarry não realizou propriamente tal ideal, mas apenas o almejou, indicando-o. Jarry, na qualidade de poeta e de comediante, não tinha um comprometimento sério com as ideias que articulava. São propositalmente incluídos, tanto na definição da ‘Patafísica como em seu

plus fréquentes, en tous cas de faits accidentels qui, se réduisant à des exceptions peu exceptionnelles, n’ont même pas l’attrait de la singularité.” (JARRY. 1911, p.15-16).

preâmbulo, incoerências, contradições, ambiguidades e desvios. De modo que hoje existem como derivações mais de cem definições disponíveis para 'Patafísica, dado que esta pode passar facilmente de um estado de definição aparente para outro (BROTCHIE, 2003 p.12 apud ROSENBAK, 2018 p.16); tanto que o Institutum Pataphysicum Londiniense publicou em 2013 um livro de definições, "Pataphysics: Definitions and Citations". Este aspecto mutante e impreciso é também coerente com Bergson:

Se o cômico, na sua variedade de manifestações, é então aproximado do vivo, ele está de imediato submetido a uma exigência metódica inelutável: evitar as definições fixas ou os conceitos determinados, e buscar seguir o fenômeno em sua temporalidade própria (PINTO, 2018 p. 9).

4 A 'Patafísica como Imagem mediadora

Esta adaptabilidade notável parece caracterizar a 'Patafísica como uma imagem mediadora, no sentido bergsoniano (BERGSON. 2006, p.136; p.195), dado que faz confluírem aspectos dispersos num conjunto suficientemente flexível e abrangente, sem restringi-los a demarcações fixas. As imagens mediadoras oferecem "representações flexíveis, móveis, quase fluídas, sempre prontas a se moldarem pelas formas fugidias da intuição (BERGSON. 2006, p. 195).

Uma imagem mediadora favorece a abrangência proporcionada pela intuição, recusando as formas habituais de compreensão racionalista, que embora fossem cotidianamente mais práticas seriam também restritivas: "conceitos fixos podem ser extraídos por nosso pensamento da realidade móvel; mas não há nenhum meio de reconstituir, com a fixidez dos conceitos, a mobilidade do real" (BERGSON, 2006 p.220). Tal insuficiência se deve ao fato de o pensamento por articulações de conceitos não convocar todo o potencial da consciência, da qual o racional é apenas uma parte instrumental.

Ou a metafísica é apenas esse jogo de idéias ou então, se é uma ocupação séria, é preciso que transcenda os conceitos para chegar à intuição. Decerto os conceitos são-lhe indispensáveis, pois todas as outras ciências trabalham normalmente com conceitos e a metafísica não poderia passar-se das outras ciências. Mas ela só é propriamente ela mesma quando ultrapassa os conceitos, ou pelo menos, quando se liberta dos conceitos rígidos e já prontos para criar conceitos bem diferentes daquele que normalmente manejamos, quero dizer, para criar representações flexíveis, móveis, quase fluídas, sempre prontas a se moldarem pelas formas fugidias da intuição (BERGSON, 2006 p.195).

Sem excluírem-se, conceitos e imagens mediadoras, contribuem para o desenvolvimento do exercício filosófico. "Trabalhar intelectualmente consiste em conduzir uma mesma representação ao longo de planos de consciência diferentes" (BERGSON, 2009, p. 176). Bergson afirma que "temos dois meios de expressão, o conceito e a imagem. É em conceitos que o sistema se desenvolve; é numa imagem que ele se contrai [...]" (BERGSON, 2006, p.138). Jarry parece intuir a potência de uma imagem mediadora ao afirmar

que a simplicidade consiste em complexidade comprimida e sintetizada (JARRY in ARRIVÉ, 2000), no sentido de que buscava elaborar intuições bastante abrangentes e complexas por meio de imagens poéticas que embora fossem sintetizantes não delimitavam contornos restritivos, pelo contrário, preservavam uma abertura à indefinição.

O aspecto fugidio e difuso da 'Patafísica decorre também da influência do movimento simbolista, que rejeitava os modelos existentes, privilegiava sugestões em vez de abordagens diretas e cultivava vocabulários pessoais para enfatizar certa afinidade esotérica com o primordial (BEVAN, 2020a, p. 3). Aspectos que aproximam a 'Patafísica da função fabuladora.

5 A 'Patafísica como produto da função fabuladora

Segundo Bergson (2006 p. 123-148), quando a operação intelectual é incapaz de articular conceitualmente questões que lhe resultam inapreensíveis, a inteligência é impelida a desdobrar-se no suprapensamento, como intuição. A inteligência humana se transborda num processo de auto-superação, elaborando imagens mediadoras que remetam indiretamente ao vislumbre difuso do ininteligível, excedendo as possibilidades da operação intelectual. Mas a inteligência pode também retrair-se e gerar explicações alucinatórias na forma de imagens fantasmáticas, que embora sejam sem sentido e sem coerência, pareçam pertinentes por emular o aspecto representacional do procedimento intelectual, instaurando o infrapensamento. Comentando as explicações religiosas para os mistérios da existência que afligem a humanidade, Bergson afirma: "o homo sapiens, único dotado de razão, é também o único capaz de suspender a sua existência de coisas irrazoáveis" (BERGSON, 2006, p. 95).

A esta tendência em explicar o desconhecido por argumentos alucinatórios Bergson (2005, p.118) denomina Função Fabuladora; origem também das mitologias, da dramaturgia, da literatura, em suma de toda capacidade de ficcionar. Mas antes mesmo que a discursividade humana se desenvolvesse por tais requintes, a função fabuladora já gerava imagens fantasmáticas atendendo a demandas individuais e sociais.

Conforme assinalado por Lapoujade (2012), a função fabuladora também responde a certas dificuldades causadas pela inteligência. A inteligência possibilita ao indivíduo certos arroubos de autonomia egoísta que colocam em risco a coesão social. Como reação compensatória a este perigo de dissolução social, a função fabuladora figura representações fantasmáticas socialmente legitimadas, que por superstição fundamentam regras não racionais de comportamento assegurando a submissão do indivíduo à sociedade.

A inteligência pode também ter uma influência desencorajadora. Ao ponderar sobre hipóteses de fracasso, o indivíduo pode ter sua propensão à ação restringida pela incerteza. A função fabuladora reage então formulando representações fantasmáticas que proporcionem ao indivíduo uma confiança extra mecânica no sucesso de ações cujas consequências a racionalidade é incapaz de assegurar. Respondendo, assim, às indeterminações do acaso com uma força correspondente, que também atue para além da lógica de causa e efeito (LAPOUJADE, 2012).

Além do egoísmo e da incerteza, a inteligência pode favorecer também a depressão. Na medida em que a inteligência figura aos indivíduos um mundo em que sua participação não é central nem imprescindível, suas convicções são aniquiladas podendo desencadear um sentimento generalizado de falta de sentido. Ao que a função fabuladora reage criando representações fantasmáticas que devolvem ao indivíduo algum senso de significado e valor à sua vida. Fazendo-o se sentir reconhecido, cuidado e favorecido por entidades imaginárias, que lhe atribuem alguma centralidade na ordem dos fatos (LAPOUJADE, 2012).

Estas reações benéficas aos efeitos desvitalizantes da inteligência são identificadas por Lapoujade (2012) compondo relações ambíguas entre a atenção à vida e apego à vida. Enquanto a atenção à vida constitui o senso do real, filtrando da memória apenas o que é pertinente à ação atual, restringindo o imaginário em favor da adequada interação sensório motora com o ambiente; o apego à vida constitui o senso do simbólico, garantido ao indivíduo significados imaginários que legitimem sua vida e sua ação em detrimento de elucubrações niilistas. De modo que se pode reconhecer que a necessidade de fabular é tão corrente em nossa sociedade quanto qualquer capacidade de raciocinar. Nota-se que as representações fantasmáticas, assim como a inteligência racional, tem efeitos duplos, e que a função fabuladora é útil à espécie humana assim como a inteligência (LAPOUJADE, 2012).

Se a inteligência ameaça agora de ruptura em certos pontos a coesão social, e se a sociedade deve subsistir, é preciso que, nesses pontos, haja um contrapeso para a inteligência. Se este contrapeso não pode ser o próprio instinto, uma vez que seu lugar é justamente tomado pela inteligência, é preciso que uma virtualidade do instinto ou, se se preferir, o resíduo de instinto que subiste em torno da inteligência, produza o mesmo efeito: não pode agir diretamente, mas uma vez que a inteligência trabalha sobre representações do real, suscité-las-á “imaginárias” que farão frente à representação do real e que conseguirão por intermédio da própria inteligência, contrabalançar o trabalho intelectual. Assim se explica a função fabuladora (BERGSON, 2006 p.108).

A função fabuladora revela então uma sinergia entre um instinto virtual e a inteligência. Estes não são elementos puros, mas destacam-se como tendências na amálgama de interpenetração do impulso vital. Ambas concorrem para o mesmo fim: possibilitar à espécie persistir.

A 'Patafísica faz, no entanto, outro uso da função fabuladora, não a empenha em sustentar circuitos viciosos de significação, reiterando os círculos fechados da coesão social, mas a instrumentaliza em favor

do salto ao aberto. A 'Patafísica usa a função fabuladora para através da imaginação acessar o virtual do pensamento, aquilo que o intelecto é incapaz de elaborar adequadamente. Suas argumentações delirantes pleiteiam a flexibilização dos circuitos em que o pensamento opera, aspirando à sua abertura e à invenção, à renovação de suas regras internas.

Para desvelar a real capacidade do pensamento humano, então encoberta pelo racionalismo analítico e utilitário da ciência moderna, é que Jarry apostou na criatividade da imaginação como potencialidade máxima. Se a pretensão parece desmedida, seus meios descabidos e seus resultados incertos, isso mostra mais uma vez que a 'Patafísica ignora os parâmetros dos circuitos fechados para lançar o pensamento à sua abertura, do razoável à pura criatividade. Ousadia que Bergson parece legitimar:

Em vão se alegrará que o salto em frente não supõe atrás de si qualquer esforço criador, que não há aqui uma invenção comparável à do artista. Seria esquecer que a maior parte das grandes reformas levadas a cabo começaram por parecer irrealizáveis, e que com efeito o eram (BERGSON, 2005 p.73-74).

6 Indeterminação

Outro importante ponto de proximidade com a filosofia bergsoniana é a ênfase na indeterminação:

Devolvamos o possível ao seu lugar: a evolução torna-se algo inteiramente diferente da realização de um programa; as portas do porvir abrem-se de par em par; um campo ilimitado oferece-se para a liberdade. O erro das doutrinas - bem raras na história da filosofia - que souberam abrir espaço para a indeterminação e para a liberdade no mundo foi o de não terem visto aquilo que sua afirmação implicava. Quando falavam de indeterminação, de liberdade, entendiam por indeterminação uma competição entre possíveis, por liberdade uma escolha entre os possíveis - como se a possibilidade não fosse criada pela própria liberdade! Como se toda outra hipótese, pondo uma ideal preexistência do possível ao real, não reduzisse o novo a ser apenas um rearranjo de elementos antigos! Como se não devesse ser levada assim, cedo ou tarde, a tomá-lo por calculável e previsível! Aceitando o postulado da teoria adversa, introduzia o inimigo no reduto. É preciso aceitá-lo: é o real que se faz possível e não o possível que se torna real. (BERGSON, 2006 p.119).

Segundo a 'Patafísica, toda determinação é uma suposição arbitrária e o mundo não contém nada além de exceções, tanto que Faustroll chega a definir o universo como "Diverso" (JARRY, 2015 p.85), aquilo que é a exceção a si mesmo (JARRY, 2015, p.108). Se a 'Patafísica considera qualquer premissa, é a de que todo fenômeno é individual e singular, o que leva todas as coisas a serem distintas (SHATTUCK, 1960, p.28). O procedimento patafísico se aproxima assim ao ideal bergsoniano de empirismo:

Mas um empirismo digno desse nome, um empirismo que só trabalha sob medida, vê-se obrigado a despendar, para cada novo objeto que estuda, um esforço absolutamente novo. Talha para o objeto, um conceito apropriado tão somente ao objeto, conceito do qual mal se pode dizer que seja ainda um conceito, uma vez que só se aplica unicamente a esta coisa. (BERGSON, 2006, p.203-204).

No entanto, este enfoque no singular não pressupõe uma essência ou uma entidade isolada, mas apenas a convergência de inúmeros nexos de interação.

Mas o paradoxo, que se verificará em cada livro de Bergson, é aqui o seguinte: que justamente a essência de cada estado isolado consiste em não possuir essência isolada ou, ainda, em deixar de apresentar um aspecto isolado para revelar-se através da mudança do todo de que faz parte, ou, enfim, em desvelar a ilusão que há de considerar os estados isolados, para lhe opor não uma coisa escondida, mas a totalidade movente do aparecer, que aparece precisamente através de suas transformações. Eis aí um traço constante e decisivo de toda filosofia de Bergson (WORMS, 2010 p.60).

A proximidade com Bergson aqui se nota também na definição da 'Patafísica (JARRY, 2015 p.28) como a ciência que descreve as propriedades dos contornos dos objetos conforme suas virtualidades. Cada exceção é o nexo de uma série de influências, decorre de um conjunto em transformação. Nosta-se, neste sentido, a importância crucial atribuída a noção de epifenômeno na 'Patafísica:

Antes de formular uma primeira definição de Patafísica, Jarry escreve: "Um epifenômeno é o que é adicionado a um fenômeno". Esse lembrete de significado não deve nos fazer negligenciar o significado desse lembrete. A noção de epifenômeno é essencialmente patafísica: é legítimo separar o que é um fenômeno autêntico, uma realidade fundada com todas as leis, do epifenômeno que acidentalmente chegaria a ele? Existe uma hierarquia de realidades que corresponde ao nosso conforto de classificação?(...) De fato, é isso o que percebe a ciência do século XX (LANOIR, [S.I]).

Não há essência, não há determinação, mas contingências, exceções, epifenômenos singulares. Aqui novamente a concordância entre a 'Patafísica e Bergson se faz notável:

Indeterminação, imprevisibilidade, contingência, liberdade significam sempre uma independência em relação às causas: é nesse sentido que Bergson enaltece o impulso vital com muitas contingências. O que ele quer dizer é, de algum modo, que a coisa vem antes de suas causas, que é preciso começar pela própria coisa, pois as causas vêm depois. (DELEUZE, 2012 p.148).

Considerando tudo como uma exceção, a 'Patafísica se refere sempre ao campo do particular, em que cada evento emerge de um infinito número de causas (SHATTUCK, 1960, p.28). Todas as soluções, portanto, todas atribuições de causa e efeito, são baseadas numa escolha reducionista.

A ciência contemporânea é baseada no princípio de indução: a maioria das pessoas já viu um certo fenômeno ser precedido ou seguido de outro fenômeno na maioria das vezes, e conclui disso que será sempre assim. Além de outras considerações, isso é verdade apenas

na maioria dos casos, dependendo do ponto de vista, e é codificado apenas por conveniência - se muito! (JARRY, 2015 p.28-29).³

Nota-se que para Jarry a exceção invalida a regra. Para a 'Patafísica, estritamente falando, todos os absurdos são equivalentes (SHATTUCK, 1960 p.28), de modo que só resta o predomínio da incerteza. "O que fascina os patafísicos é a superioridade da imaginação especulativa sobre toda teoria empiricamente assegurada" (SCHEERER, 1987 p.86 tradução nossa). Posto que toda matéria é transitória e será desconfigurada pelo tempo; que mesmo sob a recriação constante dos ciclos fechados no automatismo biológico das espécies, a sobrevivência se processa como persistência provisória e a extinção é iminente; dada a constante reconfiguração da realidade pela ação inexorável do impulso vital - a alteração é que deve ser considerada existente. Na filosofia bergsoniana, "o ser é alteração, a alteração é substância" (DELEUZE, 2012, p.108). A atualização do real se dá como exceção, viabilidade existencial do virtual. "Toda realidade é portanto tendência, se conviermos em chamar tendência uma mudança de direção em estado nascente" (BERGSON, 2006 p.219).

Assim, o ponto de maior similaridade entre a 'Patafísica e a filosofia bergsoniana pode ser anunciado como a criatividade enquanto fator operativo do real.

Na 'Patafísica, dada a generalização da diferença, a aberração passa a ser vista como universalidade. Conforme sugere Batipste (2012) tal concepção parece buscar o fundamento da biodiversidade, a regra que rege as exceções. O objeto de estudo primordial da 'Patafísica se identifica assim ao princípio diferenciador manifesto pelo impulso vital.

Este fluxo divergente e imprevisível do impulso vital, que perpassa todo o processo da manifestação do real, se desdobra no pensamento humano como a imaginação criativa no campo das representações simbólicas.

O maior erro dos que considerariam rebaixar o homem associando à sensibilidade as mais altas faculdades do espírito é o de não verem onde está precisamente a diferença entre a linguagem que compreende, discute, aceita ou rejeita, que se cinge enfim à crítica, e a que inventa. (BERGSON, 2005, p.51).

Livre das restrições que condicionam o pensamento em outros campos, como a noção de verdade, a coerência da linguagem e a utilidade pragmática, na imaginação criativa o pensamento pode abrir-se ao

³ "La science actuelle se fonde sur le principe de l'induction : la plupart des hommes ont vu le plus souvent tel phénomène précéder ou suivre tel autre, et en concluent qu'il en sera toujours ainsi. D'abord ceci n'est exact que le plus souvent, dépend d'un point de vue, et est codifié selon la commodité, et encore!" (JARRY, 1911 p.16)

devir. Se a inteligência opera por meio da linguagem recortes que fixam o real, a imaginação opera por meio da criatividade flexibilizações que o desdobram.

7 Arte como aspiração ao aberto

Há em Bergson uma crítica aos hábitos representacionais, por restringirem não apenas o pensamento mas até mesmo a percepção:

Viver é aceitar dos objetos apenas sua impressão útil para a ela responder por reações apropriadas: as demais impressões devem obscurecer-se ou chegar a nós apenas confusamente. Olho e acredito ver, ouço e acredito escutar, estudo a mim mesmo e acredito ler o fundo do meu coração. Mas o que vejo e o que escuto do mundo exterior é apenas o que meus sentidos extraem dele para esclarecer minha conduta; o que conheço de mim mesmo é o que aflora à superfície, o que toma parte na ação. Meus sentidos e minha consciência, portanto, me oferecem da realidade apenas uma simplificação prática.

Na visão que me dão das coisas e de mim mesmo as diferenças inúteis ao homem são apagadas; as semelhanças úteis ao homem são acentuadas; caminhos são traçados para mim de antemão, nos quais a ação se engajará. Caminhos que a humanidade inteira percorreu antes de mim. As coisas foram classificadas com vistas ao proveito que delas eu poderia tirar. E é essa classificação que percebo, muito mais do que a cor e a forma das coisas. (BERGSON, 2018 p.103).

Este modo de perceber o mundo recorta o fluxo dinâmico do real, encerrando a percepção e o pensamento entre as generalizações abstratas da representação. A arte se revela então um instrumento propício à flexibilização dos círculos fechados do pensamento, já que favorece a suspensão de seus padrões habituais e converge a atenção ao singular da experiência. Embora para Bergson (2005) o lugar de proeminência da agência do impulso criativo seja a mística, à arte é atribuída também uma função de extremo valor: “desvelar o real que o véu das idéias recobre devido às necessidades vitais” (PINTO, 2018 p.29).

[...] a arte tem como único objetivo descartar os símbolos praticamente úteis, as generalidades acentuadas convencional e socialmente, enfim, tudo o que mascara a realidade com vistas a nos colocar face à própria realidade. É de um mal entendido a esse respeito que nasceu o debate entre realismo e idealismo na arte. Certamente a arte nada mais é do que uma visão mais direta da realidade. Mas essa pureza de percepção implica uma ruptura com a convenção útil, um desinteresse inato e especialmente localizado dos sentidos ou da consciência, enfim, uma certa imaterialidade da vida, que é o que costumamos chamar idealismo. De modo que podemos dizer, sem jogar com os sentidos das palavras, que o realismo está na obra quando o idealismo está na alma, e que é apenas por força da idealidade que retomamos contato com a realidade (BERGSON, 2018 p.105-106).

Bergson efetuou uma reformulação da metafísica a partir da observação direta da experiência existencial, trazendo-a de volta das abstrações intelectuais em que a considerava perdida.

Nunca podemos, segundo Bergson, nos contentar com uma filosofia crítica, que repousa sobre o princípio de uma distância entre nosso conhecimento e a realidade. Sem superar a experiência sensível, nós temos, ao contrário, com o ato temporal, mas também, em certo sentido, com a vida biológica, a garantia de uma realidade indubitável: a experiência é, desde o início, metafísica (WORMS, 2010 p.119).

Bergson amenizou a oposição entre espiritualismo e cientificismo, recusando tanto a transcendência quanto o mecanicismo, e traçou um pensamento integrador. Segundo Rossetti, operou uma crítica "dos pressupostos filosóficos da ciência de sua época, particularmente, da psicologia e da biologia" (2001, p. 617). Formulou um empirismo metafísico.

[...] um empirismo verdadeiro será aquele que se propõe seguir de tão perto quanto possível o próprio original, aprofundar-lhe a vida e, por uma espécie de auscultação espiritual, sentir-lhe palpitar a alma; e esse empirismo verdadeiro é a verdadeira metafísica. O trabalho é de uma extrema dificuldade porque nenhuma das concepções já prontas das quais o pensamento se vale para suas operações cotidianas pode ser nele empregue (BERGSON, 2006 p.203).

Foi preciso então que Bergson buscasse ultrapassar os modos habituais de operação do pensamento racional, associando-o à intuição.

Os conceitos, como o mostraremos alhures, apresentam-se normalmente aos pares e representam os dois contrários. Não há de fato realidade concreta da qual não se possa tomar ao mesmo tempo as duas vistas opostas, que não se subsuma, por conseguinte, aos dois conceitos antagonistas. De onde uma tese e uma antítese que se procuraria em vão reconciliar logicamente, pela razão muito simples de que, com conceitos, ou pontos de vista, nunca se fará uma coisa. Mas do objeto, apreendido por intuição, passa-se sem dificuldades, em muitos casos, para os dois conceitos contrários; e, vendo assim sair da realidade a tese e a antítese, apreendemos ao mesmo tempo como essa tese e essa antítese se opõem e como se reconciliam (BERGSON, 2006 p.205).

O já mencionado axioma dos contrários idênticos ilustra em Jarry esta tentativa de superar os dualismos. Foi concebido sob a inspiração de Karl Abel, egiptólogo que demonstrou como nos primórdios da língua egípcia, anteriormente às divisões dualistas na linguagem, um mesmo sinal era usado para indicar significados opostos (SCHEERER, 1997 p.90-96). Jarry recusa as oposições dualistas satirizando: “[...] é mais fácil concordar com um ponto em vez de dois” (JARRY, 2015 p.29).

Por outros meios, longe da sátira e da paródia, Bergson também buscou extrapolar os hábitos representacionais que formam os círculos fechados do pensamento. Associando o pensamento à intuição, propôs uma renovação da metafísica.

A antiga metafísica jogava com conceitos vazios, numa dialética infinita que colocava a inteligência às voltas consigo mesma; a nova se apoia sobre uma intuição que lhe permite transbordar a inteligência em direção a uma experiência propriamente metafísica, mais larga que as condições de possibilidade que a colocavam em cena e a submetiam à objetividade (RIQUIER, 2017. p.236).

Neste contexto, a arte se mostra muito útil ao empirismo metafísico de Bergson. A arte induz seus espectadores à investigação sensorial, a atravessar os limites da linguagem, a ultrapassar a análise racional e a exercitarem-se para além do intelecto. Escapando às categorias convencionais do pensamento, e remetendo-se portanto ao inexplicável, a arte excita a intuição.

Chamamos aqui de intuição a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único, e por conseguinte, de inexprimível. Pelo contrário, a análise é a operação que reconduz a elementos já conhecidos, isto é, elementos comuns a esse objeto e a outros. (BERGSON, 2006 p.187).

Ao conduzir a atenção de volta das generalizações simplificadoras ao singular dos acontecimentos, instigando a investigação sensorial de modo mais presente e livre de pré determinações, a arte revitaliza a consciência humana. A arte se mostra assim um importante instrumento para o alargamento da inteligência pela intuição:

A percepção natural necessariamente fixa e recorta um real que é contínuo e dinâmico e essa é a condição original e originária de nosso conhecimento. A inteligência, através da linguagem, elevará esse procedimento ao seu alto nível de complexidade e às performances mais sofisticadas da cultura humana. Ambas tratarão prioritariamente com gêneros e relações, afastando-se cada vez mais do individual e do singular. A filosofia inteira de Bergson pode ser entendida como o esforço para superar essas condições e fazer nossa capacidade de conhecer retornar ao singular, ao qualitativo e ao dinâmico, dimensões da duração que as necessidades vitais e a organização social soterraram. E não são poucas as vezes em que o filósofo cita os artistas como iniciadores e facilitadores da metafísica. (PINTO, 2018 p.31-32).

A 'Patafísica parece oferecer-se como um projeto deste empirismo metafísico bergsoniano: atentando às exceções busca lançar o pensamento para fora de seus círculos fechados, extrapolar os parâmetros prévios, abarcar com a intuição o que escapa ao pensamento. Desde o campo da arte, menos restringida pelas demandas por utilidade pragmática, coerência racional, coesão conceitual ou compromisso com a noção de verdade, a 'Patafísica aposta na imaginação criativa para lançar o pensamento ao devir.

A afirmação de Bergson (2006 p.221) de que "Filosofar consiste em inverter a direção habitual do pensamento" parece poder aplicar-se diretamente à 'Patafísica, que desvia da reconhecimento dedicando-se às exceções tanto no campo da percepção quanto da representação. "Essa inversão nunca foi praticada de maneira metódica; mas uma história aprofundada do pensamento humano mostraria que lhe devemos aquilo que de mais grandioso se fez na ciências, assim como aquilo que há de viável na metafísica" (BERGSON,

2006 p.221). Neste sentido, a 'Patafísica parece pretender dar conta da complexidade da proposição bergsoniana, pela subversão dos modos de pensamento fundar uma ciência que ultrapasse a metafísica.

Por entre a intuição filosófica, a imagem mediadora e a função fabuladora, Jarry encontrou com a 'Patafísica um meio de dinamizar o virtual do pensamento humano e impulsioná-lo para fora de seus círculos fechados, atingindo assim, possivelmente, alguma relevância filosófica. Conforme Bergson (2006, p. 272) "é a mesma intuição, diversamente utilizada, que faz o filósofo profundo e o grande artista."

Conclusão

As aproximações entre o empirismo metafísico de Bergson e a 'Patafísica sugeridas foram: a influência do virtual, a criatividade como impulso vital, a crítica da linguagem, a crítica ao conceito, a proeminência da intuição, a função fabuladora, a imagem mediadora e a aspiração ao aberto.

De acordo com o exposto, pode-se afirmar que a 'Patafísica, ao figurar a criatividade como o mais alto potencial do pensamento, pretende impulsioná-lo à abertura. Desde o campo artístico, as proposições reunidas na 'Patafísica se apresentam sem necessidade de justificativa, nem empírica nem conceitual, se lançam ao devir sem pretensões científicas ou filosóficas. Inspiram mas não explicam, mais promovem deslocamentos e reconfigurações do que edificam consensos. Em suma, dinamizam o pensamento. A 'Patafísica opera como uma imagem mediadora, sem definir, sem sintetizar e sem concluir, instrumentalizando a função fabuladora em favor da intuição, intencionando o suprapensamento.

A 'Patafísica promove uma reconfiguração paradigmática; ao propor uma ciência do particular em detrimento da ciência do geral lança uma crítica da epistemologia; ao destacar a virtualidade e o epifenômeno em detrimento da essência e da identidade delinea uma crítica da ontologia. Enfatizando o potencial da criatividade, relativiza a hegemonia da razão. Rompendo os círculos fechados dos hábitos representacionais, a 'Patafísica ilustra a proeminência da criatividade do impulso vital no pensamento humano.

Referências

ARRIVÉ, M. Estruturação e destruição do signo em alguns textos de Alfred Jarry. In: GREIMAS, A. J.(org) *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1975. 273 p.

_____. Los orígenes jarrycos de la 'Patafísica. *Magazine littéraire*. Paris. n.388, jun. [S.I] 2000 Disponível em : <https://mexiqueculture.pagesperso-orange.fr/nouvelles6-arrive.htm>. Acesso: 10 jun. 2020.

BATIPSTE, B. L. G. *'Patafísica: iluminar la ciencia con la oscuridad de la duda*. Fiesta del Libro, Medellín, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qS-LsqPBNCY&lc=UgzwZMJVgxKQWgYCM94AaABAg> Acesso 10 jun. 2020.

BERGSON, H. *A energia espiritual*. tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *As duas fontes da moral e da religião*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Almedina, 2005.

_____. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *O Riso*. Ensaio sobre o significado do cômico. Tradução de Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.

BEVAN, S. et al. *Alfred Jarry: The carnival of being*. New York: The Morgan Library & Museum, 2020a.

BEVAN, S. *Alfred Jarry: The carnival of being*. A virtual tour with Sheelagh Bevan. New York: The Morgan Library & Museum, 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fQxGzO3zwyI> Acesso em 13 ju. 2021.

BÖK, C. *Pataphysics: The poetics of an imaginary Science*. Tese (Doutorado em filosofia) York University, Canadá, 1997.

BROTCHIE, A. *Alfred Jarry. A pathatysical life*. London: The MIT Press, 2015

DELEUZE, G. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Bergsonismo*. Traduzido por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 2012, Ed 34.

_____. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2a Edição. São Paulo: Ed. 34, 2011.

FELL, J. *Alfred Jarry*. Londres: Reaktion Books, 2010.

FERNANDES, S. Alfred Jarry. In: *Ubu Rei*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

HAAN, J. *Post modern fiction, author and biography: the avant-garde case of Alfred Jarry*. Leiden University, Holanda, 2014. Disponível em: <https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/28542/Alfred%20Jarry%20and%20postmodernism.pdf?sequence=1> Acesso em 10 jun. 2020.

HIGGS, C. *Gilles Deleuze, 'Pataphysician of the Posthuman*. 5th International Deleuze Studies Conference. New Orleans, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVOR8AJc6No> Acesso: 7 jun. 2020.

JARRY, A. *Artimanhas e opiniões do Dr. Faustroll, Patafísico*. Tradução de Guilherme Trucco. São Paulo: PerSe, 2015.

_____. *Gestes et opinions du Docteur Faustroll pataphysicien*. Roman Néo-Scientifique, suivi de Spéculations. Paris: Bibliothèque-Charpentier. 1911 297p. Disponível em: https://ekladata.com/Y9Bi8S_0osykoYQzYg5zGAZyA_c.pdf. Acesso em 20 jun. 2020.

LANOUIR, R. *Lección Permanente*. Longevo Instituto de Altos Estudios Patafísicos de UBuenos Aires. Buenos Aires, [S.I.]. Disponível em: <http://www.patafisicamente.com.ar>. Acesso: 12 mai. 2020.

LAPOUJADE, D. Apego à Vida In: *Potências do tempo*. São Paulo: N-1. 2012. p.73-93.

PINTO, D. C. M. Introdução. In: BERGSON, Henri. *O Riso*. Ensaio sobre o significado do cômico. Tradução de Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018. p. 07-33.

POLANSKIS, S. *Concept of Pataphysics: From Jarry to Arrabal*. Academia [S.I] 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/33777677/CONCEPT_OF_PATAPHYSICS_FROM_JARRY_TO_ARRABAL Acesso em 15 jun. 2020.

RIQUIER, C. A superação intuitiva da metafísica: o kantismo de Bergson. Tradução de Débora Cristina Morato Pinto. *Trans/Form/Ação*, Marília, v.40, n.2, p. 217-242, Abr./Jun, 2017.

ROSENBAK, S. *The science of imagining solutions. Design becoming conscious of itself through design*. Tese (Doutorado em filosofia) Umea University, Suécia, 2018. Disponível em: <http://umu.diva-portal.org/smash/get/diva2:1272782/FULLTEXT02.pdf> Acesso em 20 ju. 2021.

ROSSETTI, R. Bergson e a natureza temporal da vida psíquica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Rio Grande do Sul, vol.14, n.3, p. 617-623, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/49512961/Bergson_e_a_Natureza_Temporal_da_Vida_Ps%C3%ADquica Acesso em 01 jul. 2021.

SCHEERER, T. M. Introducción a la Patafísica. Lucus a non lucendo (Quintilia). *Revista Chilena de literatura*, Santiago, n.29, p.81-96, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40356474> Acesso em 29 jul. 2021

SHAKEN, E. A. Broken Circle &/ Spiral Hill: Simithon's spirals, pataphysics, zyzygy and survival, *Technoetic Arts: A Journal of Speculative Research* vol.11 n.1, p.6, 2013. Disponível em: <https://artextra.files.wordpress.com/2009/02/shanken-smithson-2013.pdf> Acesso em: 20 ago. 2020.

SHATTUCK, R. En el umbral de la 'Patafísica. Tradução de Juan Esteban Fassio. *Evergreen Review*. N.13 mai-jun, [S.I.] 1960b. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/read/38019573/bajate-un-capitulo-en-pdf-rolling-stone> Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. Superliminal note. *Evergreen Review*. New York: Groove Press. n.13, p.24-33, Mai./Jun. 1960.

_____. *The Banquet years*. The origins of the avant-garde in France. 1885 to world war 1. New York: Vintage Books, 1968.

WORMS, F. W. *Bergson, ou os dois sentidos da vida*. Tradução de Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

Recebido em: 13/09/2023

Aceito em: 11/01/2024